
Comunicação e Educação em época de Covid-19: uma reflexão sobre o resgate do diálogo, da gestão democrática e da qualidade jornalística¹

Rose Mara PINHEIRO²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS

RESUMO

A pandemia da Covid-19, sobretudo sua disseminação no Brasil, enfatizou a pertinência da relação Comunicação e Educação. Este artigo trata sobre uma reflexão inicial, a partir de revisão bibliográfica, sobre os desafios impostos pelo Coronavírus sob o ponto de vista do tripé Jornalismo, Tecnologia e Educação. Mais que discorrer sobre os desafios, tão amplamente divulgados em todos os veículos de imprensa, o objetivo aqui é refletir sobre a importância da Alfabetização Midiática à luz de autores como Freire (1979), Buckingham (2012), Soares (2011), Orozco-Gómez (2002) para o combate às fake news, à proliferação da desinformação e ao descrédito do jornalista profissional frente à sociedade. Por outro lado, a proposta é o fortalecimento de práticas de Comunicação e Educação que possam garantir o diálogo, a gestão democrática e a qualidade jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Educação; Alfabetização Midiática; Jornalismo; Covid-19; Educomunicação.

INTRODUÇÃO

E aí, veio a pandemia e o mundo entrou em suspense! Todas as atividades foram revistas, a economia entrou em colapso, a política caiu em descrédito, a religião foi desacreditada, as relações sociais foram transformadas, e as atividades de ensino e aprendizagem foram desafiadas. Como pano de fundo, a tecnologia ameaçando o sistema democrático, o conceito de verdade, a ciência e o próprio combate ao vírus, para o bem e para o mal.

Quando o historiador israelense Yuval Noah Harari descreve as incertezas advindas do século 21 e mesmo da pandemia, questionando sobre o emprego em 2050 ou apontando para a necessidade de solidariedade, cooperação e educação para o enfrentamento da Covid-19, ele também cita os quatro Cs – pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade.

Num sentido mais amplo, as escolas deveriam minimizar as habilidades técnicas e enfatizar habilidades para propósitos genéricos na vida. O mais

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail: rose.pinheiro@ufms.br

importante de tudo será a habilidade para lidar com mudanças, aprender coisas novas e preservar seu equilíbrio mental em situações que não lhe são familiares. Para poder acompanhar o mundo de 2050 você vai precisar reinventar a você mesmo várias vezes (HARARI, 2019, p. 266)

Nesse sentido, a comunicação ganha o centro das atenções e assume um papel nunca imaginado pelos maiores pesquisadores da Internet e das relações sociais. “O gênero humano está enfrentando revoluções sem precedentes, todas as nossas antigas narrativas estão ruindo e nenhuma narrativa nova surgiu até agora para substituí-las. Como podemos preparar nossos filhos para um mundo repleto de transformações sem precedentes e de incertezas tão radicais?”, questionava Harari (2019, p. 262). Mas ele fez esse questionamento meses antes da avassaladora crise sanitária mundial.

Então, como não estávamos preparados para o combate a disseminação da desinformação? Como a comunicação, em sua amplitude, não estava refletindo sobre a velocidade das transformações que estavam mudando radicalmente as relações sociais e colocando em xeque o sistema democrático no mundo ocidental? Como os cursos de jornalismo não estavam preparados para o ensino remoto?

As transformações digitais começaram há 50 anos, mas mesmo assim não estávamos prontos para uma aprendizagem a distância imposta pela pandemia. Este artigo trata sobre uma reflexão inicial sobre os desafios impostos pelo coronavírus sob o ponto de vista do tripé Jornalismo, Tecnologia e Educação. Mais que discorrer sobre os desafios, tão amplamente divulgados em todos os veículos de imprensa, o objetivo aqui é refletir sobre a importância da Alfabetização Midiática à luz de autores como Freire (1979), Buckingham (2012), Soares (2011), Orozco-Gómez (2002) para o combate às fake news, à proliferação da desinformação e ao descrédito do jornalista profissional frente à sociedade.

Segundo a pesquisa Convivência Ética em Tempos de Covid-19³ (BEM PARANÀ, 2020), 43% dos professores de todo o país se sentiram despreparados para lidarem com a Tecnologia da Informação e Comunicação de forma intempestiva, em função da pandemia. Entre as principais preocupações apontadas na pesquisa estão o diálogo, a interação, a alteração na rotina e no tempo, o engajamento e a motivação dos estudantes e os receios e ansiedades decorrentes da tecnologia e da pandemia. (Figura 1)

³ Pesquisa realizada em conjunto pela Universidade Federal do Paraná, Instituto Federal de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo.

Figura 1:



Fonte: BEM PARANÁ, 2020

A questão que se apresenta é por que não estávamos habituados com a presença da Internet e de TICs no âmbito do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo nos cursos de Comunicação e, especialmente, de Jornalismo, se temos acompanhado, noticiado e apontado para as transformações da sociedade pelo menos nos últimos 20 anos?

É preciso ressaltar que os professores foram impelidos de uma hora para a outra para realizarem suas atividades didáticas e suas relações interpessoais com os estudantes de forma 100% virtual, já que a copresença foi proibida, e não houve tempo para um planejamento adequado e cuidadoso, sobretudo em relação às disciplinas práticas ou que fazem usam de programas específicos para serem realizadas. Mesmo assim, o esforço e a dedicação de inúmeros professores foram surpreendentes.

Mas por que já não estávamos acostumados com o Ambiente Virtual de Aprendizagem já que “os primeiros projetos de construção de ambientes virtuais de aprendizagem destinados à educação iniciaram-se em meados da década de 1990” (FRANCO *et al*, 2003, p. 343)? Por outro lado, estamos discutindo as múltiplas alfabetizações desde a década de 1970, “mas em que medida, nós, professores, estamos alfabetizados nessas linguagens e estamos trabalhando com essas múltiplas alfabetizações?”, já questionava Fantin em 2007. São essas reflexões que vamos reforçar neste artigo.

Importante considerar que o presente ensaio faz parte da pesquisa “A contribuição da Educomunicação para o ensino superior”, que tem como premissa a necessidade de revisão das práticas pedagógicas por parte dos professores nos cursos de graduação e pós-graduação, presenciais ou a distância, de forma a fortalecer o diálogo, a gestão participativa e democrática, e a formação cidadã, rompendo com a transmissão de conteúdo.

Um pressuposto básico a orientar o desenvolvimento das aprendizagens a ser desenvolvidas em nível superior envolve a distinção entre transmissão de conteúdo e desenvolvimento da capacidade de atuação profissional. Paulo Freire (1979) e Darcy Ribeiro (1969), desde a década de 1960, denunciavam os perigos envolvidos no ensino caracterizado pela transmissão de conteúdo. Denominando-o Educação Bancária, metáfora para caracterizar o processo de pseudoensino – em que o professor deposita seu “saber” em um continente vazio, o estudante –, Freire destacou que esse tipo de ensino possibilita poucas transformações sociais; tende a ser descontextualizado da realidade social dos estudantes; e desconsidera o que o estudante já sabe em favor daquilo que deverá ser aprendido. Darcy Ribeiro também critica tal concepção de ensino, destacando que ela produz o que o autor chama “erudição gratuita” – um repertório verbal com pouca efetividade para transformar a realidade social. (GUSSO, 2020, p. 8)

Com os pressupostos de Freire (1979), Ribeiro (1969) e Dewey (1979), entendemos que o momento excepcional imposto pela pandemia, assim como apontam Harari (2020) e Romancini (2020), pode promover a cooperação e o compartilhamento de informações capazes de romper com mitos e preconceitos, favorecendo a relação Comunicação e Educação em prol de uma prática pedagógica que visa a formação e a emancipação de sujeitos.

Afinal, como ensina Soares (2011, p. 13), “Educomunicação é essencialmente práxis social, originando um paradigma da gestão de ações em sociedade. Não pode ser reduzida a um capítulo da didática, confundida com a mera aplicação das TICs no ensino”. Vai muito além!

DA TRANSMISSÃO DE DADOS A CONEXÕES

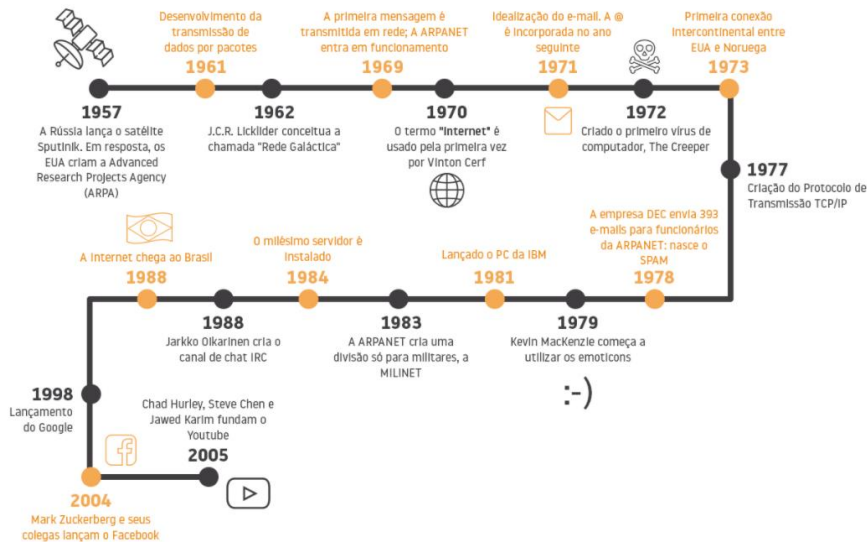
As transformações na sociedade ocorridas pelo avanço e a aplicação das tecnologias em todas as áreas têm sido estudadas, divulgadas e acompanhadas tanto pela Comunicação quanto pela Educação. Aliás é nesse pano de fundo que se desenvolvem as várias nomenclaturas que estudam as inter-relações dessas duas áreas do conhecimento.

Para elucidar esse ponto de vista, o blog He-Net construiu uma linha do tempo desde 1957 a 2005 (Figura 2), assinalando os marcos e os desdobramentos que

culminaram na sociedade em rede (CASTELLS, 1999) ou na sociedade da aprendizagem (POZO, 2004).

Figura 2

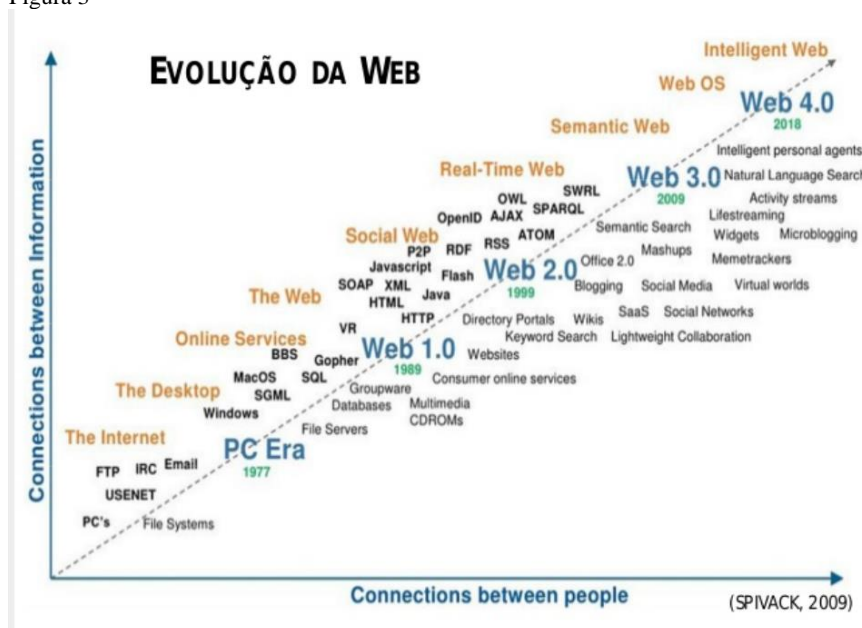
A FANTÁSTICA TRAJETÓRIA DA INTERNET



Fonte: HE-NET, 2020

Já o empreendedor Spivack (2009), um dos pioneiros em web semântica e pesquisador do futuro da Internet, traça a evolução da Web (Figura 3) mostrando que a inteligência está nas conexões, tanto entre as informações quanto entre as pessoas. Nessa linha do tempo, de 1977 a 2018, a web semântica se apresenta como a evolução da *World Wide Web* que trabalha com a possibilidade de revolucionar o conhecimento.

Figura 3



Fonte: SPIVACK, 2009

De uma forma ou de outra, a presença da Internet alterou profundamente “a vida do homem contemporâneo, tanto nas relações de trabalho, como nas de sociabilização e lazer” (SODRÉ, 2008, p. 15). É nesse sentido, que as relações sociais ou as conexões sociais passam a ser realizadas virtualmente, ganhando uma outra dimensão de tempo e espaço, atribuindo novos significados para os conceitos de pertencimento, aprovação e afetividade. O bios virtual ou midiático é “solicitado a viver, muito pouco auto-reflexivamente, no interior das tecnointerações, cujo horizonte comunicacional é a interatividade absoluta ou a conectividade permanente” (SODRÉ, 2008, p. 24).

No entendimento de Huergo (2000), há uma tecnoutopia, uma exagerada expectativa atribuída às tecnologias, desconsiderando que estamos diante de “uma sociedade depredadora, que forja as identidades violentamente em torno das idiossincrasias do marketing e do consumo” (2000, p. 14). Para o pesquisador argentino, a tecnologia produz transformações no modo de sentir e perceber a experiência social.

Durante todo esse período representado nas imagens, diversos pesquisadores ao redor do mundo se debruçaram para entender as alterações sociais, culturais, econômicas e políticas, entre outras, advindas pelo avanço das tecnologias. Da mesma forma, como já citado, toda essa transformação da sociedade a partir de sua relação com os meios de comunicação e com as tecnologias é o contexto comum que explica a necessidade de revisão do papel social tanto da escola quanto da comunicação e que a partir do qual surgem as várias nomenclaturas que aproximam as áreas da Comunicação e da Educação.

JORNALISMO E TECNOLOGIA

As transformações do jornalismo em função das tecnologias são constantes e fazem parte da própria dinâmica da produção jornalística, sua constituição, atribuição e estrutura. A afinidade entre jornalismo e inovações tecnológicas remonta ao século XIX com a consolidação do jornal, mas muito mais profunda no século XX, com as descobertas relacionadas à própria comunicação, como a chegada da televisão, que “instituiu novas rotinas de produção e consumo do produto jornalístico quanto contribuiu para a reformulação de alguns sentidos da identidade do jornalista” (LOPES, 2009, p. 68), bem como a velocidade de transmissão da informação.

Barbosa (2007) relata que na virada do século XIX para o XX, a efervescência do progresso e da modernização chegava à sociedade brasileira, inclusive na imprensa. Telégrafo e impressoras rotativas eram o signo da velocidade e da chegada do futuro! A autora descreve a formação dos conglomerados de imprensa no final dos anos 1920 e anos

30, metonimicamente representados pela figura do famoso político e dono de meios de comunicação Assis Chateaubriand (LOPES, 2009, p. 67).

Ao longo desses séculos, inúmeras foram as alterações na forma, no conteúdo e na difusão da notícia, mas é com a informatização, a partir da década de 1960, que o jornalismo muda a sua rotina e todo o processo de produção da informação, da pauta, passando pela apuração, redação, diagramação e distribuição. Como empresa jornalística, a estrutura também é alterada, física e juridicamente.

As relações do jornalismo com a inovação da informática são transformadoras tanto no sentido interno, com a criação de salas de redação com computadores compartilhados, até o sentido externo, com o uso de e-mails para entrevistas e contatos, pesquisa em sites, bem como a edição e a relação com as fontes e com o poder. A informática traz velocidade e precisão para a elaboração das notícias. A narrativa, que já seguia o lead, também ganha espaço pré-diagramado, com os projetos gráficos dos grandes jornais sendo definidos por cadernos e também com a presença cada vez maior da imagem, seja por fotografia, infografia, charges ou ilustrações.

Todo esse processo informatizado muda a rotina do jornalismo e de jornalistas, que passam a seguir manuais de redação, numa tentativa de padronização de estilo e linguagem. “O quadro de modificações (...) passou a alterar-se significativamente, interferindo não só na rotina, mas também no modo de produção, veiculação, consumo e no discurso do próprio jornalista sobre sua profissão” (SILVA; LOPES, 2016, p. 138).

As funções também são bem mais estabelecidas e consolidadas, com os papéis hierárquicos definidos para repórter, editor, diagramador, revisor e fotógrafo, entre outros. A busca pelo menor erro possível, seja na grafia seja na apuração, contra a velocidade na produção da notícia e o fechamento das páginas ou telejornais para garantir a entrega no período combinado com o cliente leitor ou telespectador estabelece também a competitividade e a rotatividade nas redações.

Se por um lado, a informática incentiva o processo de formação de redes, com matriz e sucursais, contratação de agências nacionais ou internacionais, e a colaboração de articulistas, freelancers, colaboradores em geral, por outro, cresce a mercantilização da notícia, a venda de espaços publicitários e a rentabilidade da informação, que fica ainda mais evidente, mas menos transparente.

A disputa pela audiência, pelo leitor, ouvinte ou telespectador, acirra a importância do marketing, do mercado de trabalho e da empresa jornalística. Os conglomerados se fortalecem, criando verdadeiras redes de comunicação e a mídia se firma como gênero de primeira necessidade para empresas, empresários, governos e a sociedade em geral.

A Internet vem consolidar a transformação dos modos de produção jornalística, alterando as relações dos veículos e dos jornalistas no final do século XX:

A Internet é o principal fator de redefinição da mídia, e a procura por um nome mais descritivo já começou. Fidler (1997) utiliza o termo cybermídia, para determinar essa nova forma de comunicação surgida da combinação entre o computador e as telecomunicações. Anthony Oettinger, diretor do Programa de Recursos de Informação da Universidade de Harvard, citado por Dizard (1998, p. 24), sugere que a mídia se tornará parte das comunicações, um amálgama engenhoso de computadores e comunicações. Já o próprio Dizard prefere os termos mídia antiga e nova mídia, até que se saiba mais sobre como elas interagem e, eventualmente, se fundirão num padrão diferente (OLIVEIRA, 2001, p. 19).

Essa transformação inicial, por mais importante que tenha sido, não chega aos pés da mutação tecnológica que foi instalada com a chegada das mídias sociais ou as redes sociotécnicas. Agora os papéis se invertem, não somente dentro das redações, mas principalmente fora delas. O leitor, telespectador ou ouvinte ganha status de produtor da notícia. As rendas jornalísticas caem, as redações diminuem, e o jornalismo se vê forçado a rever seu próprio papel, ameaçado também pelos influenciadores digitais.

Não obstante, a influência e o prestígio concentrados no sistema mediático por todo o século XX, por mais eternos que estes pudessem parecer – visto que governantes ocupam temporariamente os postos públicos enquanto que o reinado dos magnatas da comunicação e da informação atravessa séculos – ficaram abalados e estão ameaçados pela entrada em cena dos sistemas eletrônicos de veiculação e produção de conteúdos: a internet ocupa hoje o espaço do meio e o esquema deixa de ser piramidal. O novo modelo agora é horizontalizado. O aparelho de Estado deixa de ocupar o topo de uma pirâmide e passa, hoje, a ser desafiado pelo cidadão comum, armado apenas de sua palavra ou de sua imagem, que ele posta num site pessoal ou numa rede social. Neste plano constrói-se outro formato de disseminação de temas, assuntos e notícias, que extrapola a máquina jornalística e, vez por outra, suplanta-a (MARCONDES FILHO, 2012, p. 761,762).

A convergência, as narrativas transmidiáticas e a interatividade passam a ser exigências assumidas e exploradas pela mídia e os jornalistas são obrigados a reverem

suas funções. Os dispositivos móveis e os aplicativos imperam com novas linguagens e conectividade. As inovações tecnológicas impõem sua presença, seu ritmo, sua lógica, sempre fundamentada na usabilidade, no consumo, no capital, na visibilidade e na cultura de aprovação. Novo formato de notícia, nova estrutura narrativa. Os veículos de comunicação são obrigados a se adaptarem.

A comunicação sem fronteiras, globalizada, instantânea e praticamente onipresente coloca em xeque a produção jornalística, sua credibilidade e sua importância social. Jornalistas e empresas veem questionadas sua idoneidade, sua veracidade e sua razão de existir. Atacados pela sociedade, que antes os prestigiava, os veículos de comunicação são obrigados a se reinventarem na luta agora contra uma avalanche sistematizada e institucionalizada de notícias falsas e de desinformação.

O descrédito das instituições em geral atinge em cheio a instituição jornalística, que de status de “quarto poder” é acusada de sensacionalista, manipuladora e alarmista. Para enfrentar esse cenário tão desanimador, as empresas jornalísticas combatem à desinformação criando mecanismos de checagem da informação, o que ao mesmo tempo reforça o papel do jornalista profissional na apuração dos fatos. A produção da notícia nas empresas jornalísticas é apregoada como uma garantia de credibilidade nesse mar de desinformação, também promovida e disseminada com o avanço das tecnologias e dispositivos móveis.

Os aplicativos para alteração de voz e de imagem aceleram a disseminação de fake News, que ganham uma dimensão política capaz de confundir e difundir o ódio, a mentira, a discórdia. Campanhas ganham às ruas mobilizando os oponentes, a partir de perfis e páginas falsas ou duvidosas. O jornalismo se vê diante do impasse da cobertura noticiosa de fatos que como simulacros imitam a realidade. Verdade e mentira fazem parte da rotina jornalística e da população, que tentam criar mecanismos para driblar os algoritmos, descobrir as falcatruas, separando o fato do fake.

Em época de pandemia, a proliferação das notícias falsas é ainda mais rápida que o vírus e causa estragos irreversíveis no tecido social, acirrando a polarização, a violência e o conflito.

A irresponsabilidade nas redes e a dificuldade de identificação e de punição para empresas e cidadãos que disseminam a mentira incentivam os xingamentos, as acusações e os ataques pessoais e a onda do que se intitulou de “cancelamento” para pessoas e empresas. Os influenciadores digitais também colhem o caos dialógico, o efeito de

manada que orienta os comportamentos em rede, em grupos separados radicalmente por razões inexpressivas, insignificantes e improváveis.

Toda a transformação do jornalismo exigiu alterações nas Diretrizes Curriculares e nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação nas instituições de ensino superior.

O conjunto de mudanças que atinge o campo da comunicação, ou seja, o mercado de trabalho, e as práticas dos jornalistas que atuam nos meios de comunicação e nos ambientes organizacionais - seja em assessoria de imprensa/comunicação, ou com gestão de redes sociais (atividade que surge com o advento da internet) - estão alterando significativamente o ensino universitário. A questão, então, implica em saber, se os professores estão preparados para ensinar e lidar com as novas temáticas e formas de produção? (SILVA; LOPES, 2016, p. 146)

ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA

A importância da relação Comunicação e Educação acompanha todo o processo de desenvolvimento das inovações tecnológicas e a presença dos meios de comunicação na sociedade. É possível afirmar que essa discussão avança em paralelo ao crescimento da influência dos veículos de comunicação sobre as relações sociais, econômicas, políticas, culturais.

Mas como vimos anteriormente, é na metade do século XX, impulsionados pelo fascínio da televisão, que as organizações passam a se interessar pelos desdobramentos dos meios na educação, com vários movimentos focados a analisar criticamente a mídia e preparar a sociedade para receber suas mensagens. Assim, em 1970, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a Unesco, declara o seu interesse no desenvolvimento de ensino da mídia e das tecnologias de informação e comunicação. Anos mais tarde, a Unesco recomenda a inclusão da educação para a mídia nos currículos, fundamental para a liberdade de expressão, o exercício da cidadania e o fortalecimento da democracia.

Em 2013, a Unesco amplia sua visão e lança um guia para o desenvolvimento de competências de Alfabetização Midiática e Informacional, com cursos on-line e materiais didáticos, traduzidos para pelo menos dozes idiomas e disponíveis gratuitamente. A Figura 4 mostra os conceitos e definições trabalhadas na alfabetização tanto sob o aspecto informacional quanto midiático, desde a necessidade de informações e entendimento sobre o papel das mídias nas sociedades democráticas até as habilidades de TICs para a produção de conteúdo.

Figura 4

Alfabetização informacional

Definição e articulação de necessidades informacionais	Localização e acesso à informação	Acesso à informação	Organização da informação	Uso ético da informação	Comunicação da informação	Uso das habilidades de TICs no processamento da informação
--	-----------------------------------	---------------------	---------------------------	-------------------------	---------------------------	--

Alfabetização midiática⁵

Compreensão do papel e das funções das mídias em sociedades democráticas	Compreensão das condições sob as quais as mídias podem cumprir suas funções	Avaliação crítica do conteúdo midiático à luz das funções da mídia	Compromisso junto às mídias para a autoexpressão e a participação democrática	Revisão das habilidades (incluindo as TICs) necessárias para a produção de conteúdos pelos usuários
--	---	--	---	---

Fonte: UNESCO, 2013

Com uma estratégia muito clara, a Unesco “incorpora os professores como os principais agentes de mudança”, entendendo o desafio de avaliar a relevância e a confiabilidade da informação, garantindo tanto o direito à liberdade de expressão quanto à informação. A formação dos processos ao redor do mundo é entendida como chave para transformação da educação e em consequência da sociedade.

Em paralelo e de forma simultânea, o paradigma da educomunicação vai sendo construído e trabalhado com professores e estudantes, principalmente da educação básica, com o propósito claro de repensar as práticas e as relações em sala de aula, de forma a propiciar um processo de ensino-aprendizagem mais abrangente, igualitário, democrático e plural.

Estamos assim, como analisam os pesquisadores do NCE [...] diante de um processo, de um *modus operandi* capaz de inaugurar posturas teóricas e práticas que se situam para além das tradicionais paredes paradigmáticas, reconceitualizando a relação entre comunicação e educação e direcionando-a para uma educação cidadã emancipatória. O que esperamos é que seja forte para romper com a narrativa dominante de uma cidadania associada meramente ao consumo (SOARES, 2011b, p. 25).

Tendo como proposta de prática educacional e se aproximando dos objetivos da Alfabetização Midiática, Soares consolida o campo da educomunicação como um resultado da necessária e urgente relação Comunicação e Educação capaz de criar uma atmosfera propícia para a transformação de sujeitos, que sejam protagonistas do mundo contemporâneo com todos os seus desafios.

Com a centralidade da comunicação e o avanço das tecnologias, é necessário inserir na formação inicial e continuada dos educadores, do ensino infantil ao superior, a discussão sobre o papel das mídias e das tecnologias na sociedade. A prática pedagógica

precisa contemplar a problematização dessa relação com professores e estudantes. “Pensar a educação a partir da comunicação pode nos ajudar a pensar o que significa estar alfabetizado nos dias atuais, supõe-se que estar alfabetizado hoje envolve as múltiplas alfabetizações, que dizem respeito à construção da cidadania real e virtual” (FANTIM, 2007).

Pensando a prática pedagógica de um curso de comunicação ou de jornalismo, os professores precisam refletir sobre a formação que queremos ou que devemos oferecer aos estudantes. Estar alfabetizado vai além de dominar as técnicas da produção jornalística, contemplando as novas formas de conexões na sociedade contemporânea.

Reforçamos a ideia de que a educação, tanto dos futuros jornalistas quanto dos públicos, deve ser um processo de construção e transformação do conhecimento. Essa visão, assim, deve privilegiar estratégias que permitam a participação dos estudantes e gerem relações mais horizontais entre os eles e os professores. Dessa forma, os sujeitos se assumem como integrais e reconhecem que cada pessoa é diferente e, por isso, devemos respeitar os diversos ritmos de aprendizagem, estimulando o trabalho autônomo e mesmo ensinando a convivência com o outro (LIMA; CARDOSO FILHO, 2012, p. 58).

Os diversos relatos de experiências durante a pandemia mostram o esforço de professores e estudantes para superar os obstáculos, mas talvez a proposta de alfabetização midiática e informacional seja capaz de oferecer subsídios e recursos para enfrentarmos os dilemas decorrentes do ensino remoto emergencial e mesmo do ensino presencial, preparando os novos profissionais para um mercado de trabalho em constante transformação.

Desejo concluir enfatizando que, neste novo século, a educação cada vez mais estará vinculada aos meios e tecnologias de informação e que, tarde ou cedo, isto vai modificar de maneira substancial os processos educativos e comunicativos. O cenário do futuro não é estático, muito pelo contrário. Por isso é importante antecipar o papel que tanto educadores quanto comunicadores devemos tomar nele, para que o sentido e a direção das inevitáveis transformações sejam as mais relevantes para nossas sociedades (OROZCO GÓMEZ, 2002, p. 69).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ensinamentos de Paulo Freire ressoam e permanecem atuais na busca de uma educação emancipadora, que fortaleça os “sujeitos em relação” ou as conexões entre os sujeitos. Diálogo e democracia são basilares para a sociedade em geral, mas também para as relações dentro das salas de aula, sejam presenciais ou virtuais. Quebrar a resistência, privilegiando as relações igualitárias ao invés de conteúdos engessados, enfatizando os

processos ao invés de produtos, pode possibilitar uma aprendizagem que de fato rompa com a educação bancária e contribua para uma geração de profissionais capaz de mudar o mundo.

É nesse sentido que a educomunicação pode contribuir, apresentando respostas às principais necessidades formativas indicadas pelos professores (Figura 1) e propondo uma prática que restaure o diálogo, a gestão participativa e a garanta uma formação de qualidade para a vida.

Embora o conceito de mediação possa ainda sofrer mutações ao longo da história, principalmente pelo surgimento de novas formas de interação (imersivas, transmidiáticas) de novos sujeitos mediadores – coletivos, avatares, inteligências artificiais –, podemos afirmar, com razoável certeza, que o paradigma educacional já oferece contribuições concretas para o entendimento e o emprego de estratégias mediadoras. O deslocamento da práxis educativa das tecnologias para as linguagens midiáticas e destas para o que chamamos de ecossistemas comunicacionais (Soares, 2011, p. 43) enseja mudanças significativas na interface comunicação/educação sobre as quais procuramos contribuir com este breve aporte (CONSANI, 2020, p. 64,65).

Precisamos romper com os nossos próprios medos e preconceitos e, como instiga Harari (2019), de fato contribuir para a formação de novos profissionais que sejam capazes de extrair sentido do mar de informações que recebem todos os dias, percebendo a diferença e separando o que é realmente importante. Já passou da hora de repensarmos nossas práticas pedagógicas, nossas metodologias, nossos processos avaliativos. Precisamos aprender coisas novas, nos alfabetizar e nos reinventar, sem correr o risco de perdermos o direito de ensinar. Coragem, educadores, é verdade que a sociedade exige muito de nós, mas podemos sair dessa mais bem preparados, mais flexíveis e mais resilientes para enfrentar as incertezas e transformações que certamente virão.

REFERÊNCIAS

BEM PARANÁ. Diálogo e interação preocupam professores em tempos de ensino remoto. 15/09/2020. Disponível em:

<https://www.bemparana.com.br/noticia/dialogo-e-interacao-preocupam-professores-em-tempos-de-ensino-remoto#.X6A6wohKg2w>. Acesso em: 25 set 2020.

BUCKINGHAM, David. Precisamos Realmente de Educação Para os Meios? Comunicação & Educação, v. 17, n. 2, 2012, pp. 41-60.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em red. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CONSANI, Marciel Aparecido. Mediação Tecnológica na Educação: Os Aportes Teóricos e Práticos da Educomunicação para a Educação a Distância. *Revista de Graduação USP*, v. 3, n. 1, jun 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gradmais/article/view/147199/140769>. Acesso em: 2 dez 2018.

DEWEY, John. *Educação e Democracia: introdução à filosofia da educação*. 4.ed.. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FANTIM, Monica. Alfabetização Midiática na Escola. *Anais. 16º Congresso de Leitura do Brasil*, Campinas, 10 a 13 de julho de 2007. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais16/sem05pdf/sm05ss15_06.pdf. Acesso em: 27 jul 2020.

FRANCO, Marcelo Araújo; CORDEIRO, Luciana Meneghel; CASTILLO, Renata A. Fonseca del. O ambiente virtual de aprendizagem e sua incorporação na Unicamp. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 2, pp. 341-353, Dez. 2003.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000200011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 fev 2020.

FREIRE, Paulo. *Comunicação ou Extensão?* São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GUSSO, Helder Lima *et al.* Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 41, e238957, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302020000100802&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1 nov 2020.

HARARI, Yuval Noah. *Notas sobre a pandemia: E breves lições para o mundo pós-coronavírus* São Paulo: Cia. das Letras, 2020.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

HE-NET. *História da Internet: a trajetória da ferramenta que revolucionou a nossa comunicação*. 2020. Disponível em: <http://www.henet.com.br/site/historia-da-internet-a-trajetoria-da-ferramenta-que-revolucionou-a-nossa-comunicacao/> Acesso em: 25 out 2020.

HUERGO, Jorge. *Comunicación/Educación: itinerários transversales*. In: VALDERRAMA, Carlos. *Comunicación-educación: coordenadas, abordajes y travesías*. Bogotá : Universidad Central, 2000, pp. 3 -25.

LIMA, Marcus Antônio Assis; CARDOSO FILHO, Jorge. Jornalismo, Democracia e Educação: algumas reflexões sobre o Jornalismo Cívico. *Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.35, n.2, p.39-60, Dez 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442012000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 nov 2019.

LOPES, Fernanda Lima. A institucionalização do mercado noticioso e seus significados para a construção da identidade do jornalista no Brasil. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 6, n. 2, p. 61-74, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n2p61/11277>. Acesso em: 10 abril 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. Por que a Nova Teoria é uma forma diferente de se pesquisar o jornalismo. *Revista Famecos*. Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp. 759-774, setembro/dezembro 2012.

OLIVEIRA, Roseli Maria de Souza. O impacto da internet no jornalismo: características e Recomendações para a concepção de jornais digitais interativos. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. *Comunicação & Educação*, n. 23, 2002, pp. 57-70.

POZO, Juan. Aquisição de conhecimento: quando a carne se faz verbo. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROMANCINI, Richard. Com a adoção repentina de tecnologias, pandemia abre caminho para abordagens experimentais na educação. Entrevista à Ferreira, Amanda. *ECA/USP*. 30/7/2020. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/noticias/com-ado-o-repentina-de-tecnologias-pandemia-abriu-caminho-para-abordagens-experimentais-na>. Acesso: 25 set 2020.

SILVA, Rafael Pereira da; LOPES, Boanerges Balbino. Mudanças estruturais e ensino de jornalismo: o papel do professor nos novos rumos do jornalismo brasileiro. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 35, p. 137-153, jan./abr. 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SPIVACK, Nova. *The Evolution of the Web: Past, Present, Future*. 2009. Disponível em: <http://www.novaspivack.com/uncategorized/the-evolution-of-the-web-past-present-future>. Acesso em: 10 jul 2020.

UNESCO. *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores*. 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>. Acesso em: 10 jul 2019.